



# A TEOLOGIA E O TEÓLOGO NO PENSAMENTO DE JOSEPH RATZINGER-BENTO XVI

FRANCIVALDO DA S. SOUSA

**Resumo:** Joseph Ratzinger/Bento XVI dedicou sua reflexão também à identidade própria da teologia cristã, bem como ao perfil do teólogo, aquilo que o caracteriza como tal e os elementos que devem estar presentes nessa eminente tarefa eclesial. Visitamos algumas das suas obras para tentarmos expor com o máximo de clareza e objetividade alguns aspectos do seu pensamento sobre essa questão. Para o teólogo alemão, o que é teologia? Qual o seu método e o seu sujeito? Que relação existe entre fé e teologia, Igreja e teólogo, estudo e oração? É disso que trata o presente artigo.

**Palavras-chave:** Ratzinger. Teólogo. Identidade da teologia. Fé.

**Abstract:** Joseph Ratzinger/Benedict XVI had also dedicated his reflections on the particular identity of the Christian theology, as well as the theologian profile, what distinguish it and the outlines that should be on this notable ecclesiastical job. We consulted some of his literary works to present clearly and objectively some aspects of his thinking on that matter. What is theology to the German theologian? What is his method and his subject? What is the relation between faith and theology, Church and theologian, study and prayer? That is what this article is about.

**Keywords:** Ratzinger. Theologian. Identity of theology. Faith.

## Introdução

Joseph Ratzinger foi, sem dúvidas, um dos mais destacados teólogos dos séculos XX-XXI. Deu início ao seu magistério teológico ainda muito jovem, no final da década de cinquenta do passado século, integrando o rol dos grandes teólogos do século XX, que protagonizaram um novo modo de fazer teologia. Depois de alguns anos, como professor de teologia em renomadas universidades alemãs, Ratzinger, contrariando sua vontade, teve que deixar a carreira acadêmica para tornar-se um membro da Cúria Romana, a pedido do seu predecessor, o Papa João Paulo II. De 1981 a 2005 (ano de sua eleição), esteve à frente de importantes organismos da Santa Sé, como a Pontifícia Comissão Bíblica, a Comissão Teológica Internacional e a Congregação para a Doutrina da Fé, da qual foi presidente por mais de vinte anos.



Em 1985, já como Prefeito dessa Congregação, confessou ao jornalista Peter Seewald: “Trabalhei durante muito tempo como professor universitário e procuro, o melhor que posso, acompanhar ainda [...] a discussão teológica”. E conclui: “Claro que tenho as minhas próprias ideias [...] sobre a forma como a teologia deve ser construída”.<sup>16</sup> São algumas dessas ideias que intencionamos expor a seguir. Para tanto, nossa pesquisa se concentrou em três principais fontes: o livro *Natureza e missão da teologia*, escrito em 1992; a *Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo*, de 1990;<sup>17</sup> e, finalmente, uma série de discursos dirigidos, como Papa, aos membros da Comissão Teológica Internacional (2005 a 2012).

Na primeira parte, iremos expor o pensamento de Ratzinger/Bento XVI acerca da teologia: para ele, o que é propriamente a teologia? Qual o seu método e o seu sujeito? Que relação existe entre fé e teologia? Na segunda parte, nos deteremos na pessoa do teólogo: qual deve ser sua virtude fundamental? O que é essencial para o teólogo? Qual o seu espaço vital?

Não obstante essa divisão metodológica, em um ou outro momento os dois temas (teologia/teólogo) se entrecruzam, sendo difícil separá-los radicalmente.

## Parte I – A teologia

### 1. IMPORTÂNCIA E RESPONSABILIDADE DA TEOLOGIA E DO TEÓLOGO

Primeiramente, Ratzinger ressalta a importância que possuem a teologia e o teólogo, sobretudo para a comunidade cristã. Segundo ele, essa consciência tornou-se visível a partir do Concílio Vaticano II: “Antes a teologia era vista como ocupação de um pequeno círculo de clérigos, como um assunto elitista e abstrato, que quase não conseguia despertar nenhum interesse para a opinião pública da Igreja”.<sup>18</sup>

É verdade que a teologia, em todas as épocas, foi importante para a Igreja. Contudo, em “tempos de grandes mudanças espirituais e culturais” como a nossa, “ela é ainda mais importante”, de tal maneira que constitui “uma exigência à qual a Igreja não pode renunciar”.<sup>19</sup>

A teologia, entretanto, está exposta a riscos: por um lado deve “esforçar-se por ‘permanecer’ na verdade (cf. Jo 8,31)”, e por outro, “ter em consideração os novos problemas que interpelam

<sup>16</sup> RATZINGER, J.; SEEWALD, P. *O sal da terra: o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio*, p. 14.

<sup>17</sup> Segundo o Cardeal Angelo Amato, nos documentos da Congregação para a Doutrina da Fé, que trazem a assinatura do Cardeal Ratzinger, “está presente sua alta qualidade teológica” (cf. Int. à Edição do *Documenta*, p. 57).

<sup>18</sup> *Natureza e missão da Teologia*, p. 87

<sup>19</sup> *Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo*, n. 1.



o espírito humano”.<sup>20</sup> Ressalte-se que essa integração nem sempre é fácil de ser alcançada, gerando muitas vezes tensões no corpo eclesial, especialmente entre os teólogos e o Magistério.

Mas existe ainda outro aspecto para o qual a reflexão ratzingeriana aponta: trata-se de uma “crescente desconfiança” por parte de muitos fiéis concernente à atuação dos teólogos. E de onde provém isso? Do fato de que, para alguns, muitos teólogos “parecem por demais aliados ao poder do espírito do tempo”, consistindo, por isso, em “uma ameaça ao que eles [os fiéis] consideram sagrado”.<sup>21</sup> Dessas questões, particularmente, é que emerge a grande responsabilidade da teologia e do teólogo, da qual não se pode eximir-se.

## 2. CONCEITO, MÉTODO, SUJEITO E OBJETO DA TEOLOGIA

Depois de acenar para a importância e responsabilidade da teologia, convém, agora, voltar a nossa atenção para algumas questões epistemológicas, sempre de acordo com o pensamento de Ratzinger/Bento XVI.

A primeira diz respeito ao *conceito*: o que é teologia? Qual a sua identidade? Ratzinger define a teologia como sendo a “reflexão do que nos foi dito por Deus, do que foi pensado por Deus”.<sup>22</sup> Trata-se, por isso, de uma “reflexão argumentada, sistemática e metódica sobre a Revelação e sobre a fé”.<sup>23</sup> O acolhimento, portanto, desta Revelação de Deus, é o ponto de partida da teologia cristã.<sup>24</sup> Ocupar-se racionalmente com a palavra que nos foi dada, isso é o que produz naturalmente teologia. Por essa razão, ela “é um fenômeno especificamente cristão, que resulta da estrutura da fé”.<sup>25</sup> A primeira prioridade da teologia, portanto, é pensar Deus, falar de Deus. Dessa forma, “quando se estuda teologia, não se quer aprender um ofício, mas sim compreender a fé”.<sup>26</sup>

No que concerne ao *método*, a teologia possui algo próprio que a diferencia dos demais campos do saber. Ou seja, embora ela se baseie em critérios e normas comuns às outras ciências,

.....

<sup>20</sup> Idem.

<sup>21</sup> *Natureza e missão da Teologia*, p. 8

<sup>22</sup> *Natureza e missão da Teologia*, p. 89.

<sup>23</sup> *Discurso aos participantes na sessão plenária da Comissão Teológica Internacional*. 5 de dezembro de 2008.

<sup>24</sup> *Discurso do Papa Bento XVI à Pontifícia Comissão Teológica Internacional*. 2 de dezembro de 2011.

<sup>25</sup> *Natureza e missão da Teologia*, p. 89.

<sup>26</sup> *O sal da terra*, p. 49.



“deverá observar antes de tudo os princípios e as normas que derivam da Revelação e da fé, do fato que Deus falou”.<sup>27</sup>

Baseando-se em Tomás de Aquino, o Papa teólogo sustenta ainda que, ao contrário do que muitos pensam, Deus, na realidade, não é meramente o objeto da teologia, mas o seu *sujeito*. O sujeito falante da teologia dever ser o próprio Deus.<sup>28</sup> Mas, afinal, qual é então o seu *objeto*? Para Ratzinger, o objeto da teologia é a Verdade, que não é algo abstrato ou impessoal, mas “o Deus vivo e o seu desígnio de salvação revelado em Jesus Cristo”.<sup>29</sup> Em resumo, para o pensamento ratzingeriano, Deus é, simultaneamente, sujeito e objeto da teologia.

Deus, de fato, nunca é simplesmente o objeto da teologia; é sempre, ao mesmo tempo, também o seu sujeito vivo. A teologia cristã, além disso, nunca é um discurso meramente humano sobre Deus, mas é sempre, ao mesmo tempo, o *Logos* e a lógica em que Deus se revela.<sup>30</sup>

### 3. FÉ E TEOLOGIA

Outra questão de capital importância levantada pelo teólogo bávaro é a relação entre fé e teologia, muitas vezes ameaçada de divórcio. Para ele, “teologia é inseparavelmente confessional e racional”,<sup>31</sup> o que significa dizer que o crer e o pensar fazem parte da teologia, de modo que a supressão de um desses elementos resultaria na sua total dissolução.<sup>32</sup>

Claro está, portanto, para Ratzinger, que “a teologia é impossível sem a fé e pertence ao próprio movimento da fé”.<sup>33</sup> Mais que isso: “a teologia pressupõe a fé” e a fé precede a teologia. Desse vínculo inseparável, dessa “substancial eclesialidade da teologia”<sup>34</sup> surgem, naturalmente, algumas consequências práticas, por exemplo, no que tange à *relação entre teologia e Magistério*:

<sup>27</sup> Discurso aos participantes na sessão plenária da Comissão Teológica Internacional. 5 de dezembro de 2008.

<sup>28</sup> Cf. Discurso aos participantes na sessão plenária da Comissão Teológica Internacional. 5 de dezembro de 2006.

<sup>29</sup> Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo, n. 8.

<sup>30</sup> A citação encontra-se em GUERRIERO, E. *Servo de Deus e da humanidade: a biografia de Bento XVI*, p. 748.

<sup>31</sup> Discurso aos participantes na sessão plenária da Comissão Teológica Internacional. 7 de dezembro de 2012.

<sup>32</sup> Cf. *Natureza e missão da Teologia*, p. 49.

<sup>33</sup> *Lumen Fidei*, n. 48. Apesar de essa importante Encíclica trazer o nome do Papa Francisco, todos sabemos, no entanto, que foi uma carta escrita “a quatro mãos”, cujo primeiro esboço foi feito por Bento XVI, limitando-se o seu sucessor “a acrescentar ao texto alguma contribuição nova” (n. 7).

<sup>34</sup> *Natureza e missão da Teologia*, p. 90.



Isso implica, por um lado, que a teologia esteja ao serviço da fé dos cristãos, vise humildemente preservar e aprofundar o crer de todos, sobretudo dos mais simples; e, por outro, dado que vive da fé, a teologia não considera o magistério do Papa e dos Bispos em comunhão com ele como algo extrínseco, um limite à sua liberdade, mas, pelo contrário, como um dos seus momentos internos constitutivos, enquanto o Magistério assegura o contato com a fonte originária, oferecendo assim a certeza de beber na Palavra de Cristo em toda a sua integridade.<sup>35</sup>

Pois uma Igreja sem teologia se empobrece e perde a visão; mas uma teologia sem Igreja dissolve-se na arbitrariedade.<sup>36</sup>

No que toca a essa questão (teologia/Magistério), Ratzinger falou reiteradas vezes sobre a necessidade de uma relação recíproca, de uma mútua colaboração e de uma “íntima e essencial conexão”. Mas não negou o fato de que, apesar disso, serão inevitáveis “certas tensões”.<sup>37</sup> Contudo, desde que essas tensões não sejam resultado de hostilidades e oposição, elas podem servir, ao contrário, de dinamismo e estímulo tanto para o Magistério quanto para os teólogos.<sup>38</sup>

#### 4. A TEOLOGIA COMO ESCOLA DE SANTIDADE

Como conclusão dessa primeira parte, não poderíamos deixar de destacar outro elemento importante do pensamento ratzingeriano. Para ele, a teologia deve ser não apenas ciência, reflexão sobre Deus, mas também “escola de santidade”.<sup>39</sup> Isso pressupõe um vínculo entre razão, conversão e devoção. Pois, do mesmo modo “como não existe teologia sem fé, não existe teologia em conversão”.<sup>40</sup> Sendo assim, “intelectualidade científica e devoção vivida são dois elementos do estudo que, em uma complementaridade indispensável, dependem um do outro”.<sup>41</sup>

Ratzinger chama a atenção, por fim, para o fato de que “o empenho teológico exige um esforço espiritual de retidão e de santificação”<sup>42</sup> e que essa ligação “entre teologia e santidade

.....  
<sup>35</sup> *Lumen Fidei*, n. 36.

<sup>36</sup> *Natureza e missão da Teologia*, p. 41.

<sup>37</sup> *Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo*, n. 25.

<sup>38</sup> *Idem*.

<sup>39</sup> Cf. *Discurso à Plenária da Comissão Teológica Internacional*. 3 de dezembro de 2010.

<sup>40</sup> *Natureza e missão da Teologia*, p. 49.

<sup>41</sup> *Servo de Deus e da humanidade: a biografia de Bento XVI*, p. 748.

<sup>42</sup> *Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo*, n. 9.



não é nenhum palavrório sentimental ou pietista, mas resulta da lógica da coisa e confirma-se ao longo de toda a história”.<sup>43</sup> Portanto, para ele, a racionalidade pura e simples não basta para se fazer teologia.

## Parte II – O Teólogo

Como dito anteriormente, nessa segunda parte nos concentraremos na figura do teólogo, tentando delinear um perfil que, segundo Ratzinger, deve ser comum a todos que se sentem chamados à vocação teológica.

### 1. A VIRTUDE FUNDAMENTAL DO TEÓLOGO

Visto que o objeto da teologia é a Verdade, a obediência a essa Verdade é a virtude fundamental do teólogo. Nesse sentido, Bento XVI se refere à necessidade de uma “castidade” da alma, que consiste no falar aos homens não buscando aplausos ou submetendo-se à ditadura das opiniões, mas, mediante uma severa disciplina da obediência à verdade, sermos purificados e deixarmos que ela fale em nós.<sup>44</sup>

O “serviço ao conhecimento da verdade revelada” é, para o teólogo, a sua tarefa mais importante.<sup>45</sup> No entanto, essa obediência à verdade “não significa renúncia à busca e à fadiga de pensar”; antes, deve enveredar-se pela “peregrinação do pensamento em relação a Deus” para que a sua procura resulte fecunda.<sup>46</sup> Nesse sentido, “cada teólogo é chamado a tornar-se homem do Advento”, vivendo em constante e vigilante expectativa.<sup>47</sup>

### 2. RESPEITAR O DIACRONISMO DA TEOLOGIA

Outro destaque feito por Ratzinger diz respeito ao que ele denominou *diacronismo da teologia*. O que isso quer dizer? Significa que “a teologia vive sempre em continuidade e em diálogo com os crentes e com os teólogos que vieram antes de nós”. Por essa razão, “o teólogo nunca começa do zero, mas considera como mestres os Padres e os teólogos de toda a tradição cristã”.<sup>48</sup>

.....  
<sup>43</sup> *Natureza e missão da Teologia*, p. 49.

<sup>44</sup> *Homilia na Concelebração Eucarística com os membros da Comissão Teológica Internacional*. 6 de outubro de 2006.

<sup>45</sup> *Natureza e missão da Teologia*, p. 9.

<sup>46</sup> *Discurso aos participantes na sessão plenária da Comissão Teológica Internacional*. 5 de dezembro de 2008.

<sup>47</sup> *Discurso à Pontifícia Comissão Teológica Internacional*. 2 de dezembro de 2011.

<sup>48</sup> *Discurso à Plenária da Comissão Teológica Internacional*. 3 de dezembro de 2010.



### 3. DUAS COISAS ESSENCIAIS

Ratzinger sustenta ainda que, “para o teólogo duas coisas sejam essenciais: por um lado o rigor metódico, que faz parte da atividade científica”.<sup>49</sup> Mas não somente isso: “Ele necessita também de participação interior na vida da Igreja”. De modo que “é só dentro deste conjunto que existe teologia”.<sup>50</sup> Por esse motivo, o teólogo não deve jamais esquecer que também ele é membro do povo de Deus e que a Igreja é o seu espaço vital.

### 4. O TEÓLOGO DEVE CONJUGAR ESTUDO E ORAÇÃO

Falamos anteriormente da teologia enquanto escola de santidade. Disso resulta um modo próprio de agir, por parte do teólogo, que deve ser homem de estudo, mas também de oração. Trata-se, para Ratzinger, de algo fundamental na tarefa teológica.

Em suas homilias sobre os grandes mestres da fé, falou repetidas vezes, já como Papa, dessa conjugação. Ao comentar sobre o modo como Orígenes fazia teologia, ressaltava justamente essas duas qualidades: “Não obstante toda a riqueza teológica de pensamento, nunca é um desenvolvimento meramente acadêmico; está sempre fundado na experiência da oração, do contato com Deus. [...] A compreensão das Escrituras exige, ainda mais do que o estudo, a intimidade com Cristo e a oração”.<sup>51</sup>

Ao refletir depois sobre a figura de outro grande teólogo da Igreja, o monge beneditino Rupert de Deutz (séc. XII), fez referência novamente a este aspecto: “Ele soube conjugar – disse o Papa – o estudo racional dos mistérios da fé com a oração e com a contemplação, considerada o vértice de qualquer conhecimento de Deus”.<sup>52</sup>

Fica evidente, portanto, que, para Ratzinger/Bento XVI, o teólogo deve ser homem de ciência, mas também homem de oração. No dizer de Pablo Blanco, “não se faz teologia só com os cotovelos, mas também com os joelhos”.<sup>53</sup>

Enquanto homem de estudo e oração, o teólogo deve olhar também para Maria, considerada por Ratzinger como “paradigma da reta teologia”. Maria, segundo ele, merece ser chamada

.....  
<sup>49</sup> *Natureza e missão da Teologia*, p. 91.

<sup>50</sup> *Idem*.

<sup>51</sup> *Audiência Geral*. 2 de maio de 2007.

<sup>52</sup> *Audiência Geral*. 9 de dezembro de 2009.

<sup>53</sup> BLANCO, P. *Bento XVI, um mapa de suas ideias*, p. 66.



assim pelo fato de ter conservado, no próprio coração, a Palavra, tornando-se “o modelo sublime do verdadeiro conhecimento de Deus”.<sup>54</sup> De igual modo o teólogo deve proceder.

## Considerações finais

Este breve artigo teve como objetivo tornar um pouco mais conhecido o pensamento de Joseph Ratzinger/Bento XVI acerca da teologia e o do teólogo, ou seja, os elementos que o identificam como tais dentro do espaço vital que é a Igreja. Julgamos que as presentes considerações sejam úteis às atuais reflexões teológicas, mesmo por parte daqueles que pensam diferente do Papa teólogo.

É oportuno concluir esse texto recordando duas coisas. Primeiramente, uma característica peculiar do teólogo Ratzinger: sua abertura para o diálogo; seu respeito por quem pensava diferente. Segundo que, ao refletir sobre a identidade da teologia, não intencionava opor-se aos teólogos – o que consistiria, como ele mesmo disse, em lutar contra si mesmo –, mas “a uma teologia que perde seus critérios e que, desse modo, já não faz bem seu serviço”.<sup>55</sup> Que a sua reflexão teológica seja lida e considerada sempre à luz dessa perspectiva.

## Referências bibliográficas

BLANCO, P. *Bento XVI: um mapa de suas ideias*. São Paulo: Molokai, 2016.

BENTO XVI. *Audiência Geral*. 2 de maio de 2007.

BENTO XVI. *Audiência Geral*. 9 de dezembro de 2009.

BENTO XVI. *Discurso aos participantes na sessão plenária da Comissão Teológica Internacional*. 5 de dezembro de 2006.

BENTO XVI. *Discurso aos participantes na sessão plenária da Comissão Teológica Internacional*. 5 de dezembro de 2008.

BENTO XVI. *Discurso à Plenária da Comissão Teológica Internacional*. 3 de dezembro de 2010.

BENTO XVI. *Discurso à Pontifícia Comissão Teológica Internacional*. 2 de dezembro de 2011.

BENTO XVI. *Discurso aos participantes na sessão plenária da Comissão Teológica Internacional*. 7 de dezembro de 2012.

BENTO XVI. *Homilia na Concelebração Eucarística com os membros da Comissão Teológica Internacional*. 6 de outubro de 2006.

.....  
<sup>54</sup> *Discurso à Pontifícia Comissão Teológica Internacional*. 2 de dezembro de 2011.

<sup>55</sup> *O sal da terra*, p. 65





CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo*. Vaticano, 24 de maio de 1990.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Lumen Fidei*: sobre a fé. Vaticano, 2013.

GUERRIERO, E. *Servo de Deus e da humanidade: a biografia de Bento XVI*. Tradução de Thácio Siqueira. São Paulo: Quadrante, 2021.

RATZINGER, J. *Natureza e missão da teologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RATZINGER, J.; SEEWALD, P. *O sal da terra: o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

Recebido em  
Aprovado em

## Dados do autor

Graduado em Teologia e missionário da Comunidade Católica Remidos no Senhor. Estuda a vida e o pensamento de Joseph Ratzinger há mais de uma década. E-mail: vavasilvaremid@hotmail.com.